A AMEAÇA À PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA E À SEGURANÇA ALIMENTAR



FÁBIO DE SALLES MEIRELLES

Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP)

O 6º Levantamento da Safra de Grãos 2021/22, divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), reitera a resiliência e o vigor do agronegócio brasileiro. Apesar das agruras inerentes a dois anos de pandemia, estiagem em vários estados, dificuldade de acesso ao crédito e alta dos juros e da inflação, deverão ser colhidos 265,7 milhões de toneladas – 4,0% a mais do que na temporada anterior. Já a área plantada apresenta um crescimento de 4,3%, atingindo 72,7 milhões hectares. Contudo, não fossem os problemas climáticos do ciclo primavera-verão, a safra seria superior a 290,0 milhões de toneladas.

Os números demonstram que a nossa agropecuária seguirá contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento nacional, com crescimento tanto no mercado doméstico, quanto no externo. É previsível uma receita agropecuária robusta, em função dos preços das *commodities*, como carnes, soja, milho e algodão, e dos resultados positivos nas exportações. Porém, neste momento, o setor corre um risco sem precedentes: a ameaça da falta de fertilizantes minerais.

Infelizmente, somos um país dependente desse insumo; importamos mais de 80% do total que consumimos. Em 2021, demandamos do exterior 41,6 milhões de toneladas, dos quais 22,0% são provenientes da Rússia e 5,8%, de Belarus. As sanções econômicas aos dois países, em decorrência da invasão da Ucrânia, ameaçam a nossa produtividade agrícola, que vem se expandindo à taxa média de 81 quilos/hectare/ano (no caso dos grãos). Para isso, os fertilizantes são essenciais, além dos avanços genéticos das sementes, do conhecimento técnico e das demais tecnologias empregadas no campo.

A situação piora, sem uma perspectiva de resolução em curto prazo. A Rússia, independentemente das sanções recebidas, recomendou aos fabricantes de fertilizantes que suspendam as exportações. O seu governo quer garantias de efetivação das entregas e do recebimento, considerando que navios de carga, caminhões e trens do sistema logístico pararam de operar em portos russos.

Como não temos qualquer controle sobre a situação geopolítica global, cabe ao Brasil buscar alternativas com urgência. A primeira, que nos parece decisiva e premente, é ampliar a compra de fertilizantes minerais de outras nações produtoras, principalmente do Canadá, dos Estados Unidos, da China e de países do Oriente Médio, grandes parceiros comerciais do Brasil.

Em médio e longo prazos, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) trabalha no Plano Nacional de Fertilizantes (PNF) para reduzir a nossa dependência externa. Porém, os resultados esperados não nos darão autossuficiência e, tampouco, surgirão em tempo de mitigar os presentes riscos.

Em outra frente, está o aumento da produção de biofertilizantes, provenientes do tratamento de matéria orgânica e de resíduos da indústria e da própria agropecuária. Porém, a sua produção atual é de apenas 1,5 milhão de toneladas anuais. Além disso, os compostos não substituem completamente os minerais, sendo necessário, ainda, aumentar sua eficácia e produtividade. Seu desenvolvimento é válido, mas não como resposta ao problema atual.

Os produtores rurais brasileiros têm enfrentado e superado numerosos desafios, desde os climáticos e os pandêmicos até os que afetam genericamente a economia nacional. Porém, estão na expectativa de uma solução para o conflito ou o suprimento de fertilizantes de outras fontes, em tempo de impedir a redução da produção agropecuária, o recrudescimento da inflação e a insegurança alimentar. ■